

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?  
REVOLUÇÃO  
3 de janeiro de 2024

## QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? / 1975

um filme de João César Monteiro

**Realização:** João César Monteiro / **Direcção de Fotografia:** Acácio de Almeida /  
**Colaboração:** Maria Velho da Costa, Margarida Gil, Carlos Mena, João Diogo, Vítor Silva /  
**Montagem:** João César Monteiro.

**Produção:** Oficina de Cinema / **Distribuição:** Animatógrafo / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, 16mm, preto e branco, 65 minutos / **Estreia:** Universal, a 19 de Junho de 1976

---

**Que Farei Eu Com Esta Espada?** insere-se, com alguma tipicidade, na corrente do cinema português que lidou com o “aftermath” do 25 de Abril de 1974. Tipicidade, dissemos? Sim: no modo de produção, rápido, próximo da “rua”, no “formato revolucionário” do 16mm, artesanal, concebido em forma de interpelação documental. Tipicidade, ainda, no esboço de um projecto que sem deixar de querer estar em cima dos acontecimentos – e de, portanto, reflectir a “actualidade” – procura ainda mais encontrar uma distância que propicie a análise e que, de certa maneira, o “esvazie” do seu tempo. Muitos filmes deste período se jogaram segundo estas coordenadas, uns com mais sucesso outros com menos. Mas a partir daí a palavra “tipicidade” deixa de fazer sentido. Primeiro, por causa dos elementos que João César Monteiro convoca (e que passam pela “chamada” do **Nosferatu** de Murnau) e da relação que o filme articula entre eles. Depois, porque **Que Farei Eu Com Esta Espada?** é, como o título indica, um filme de interrogações, profundas e sem resposta directa, um filme que não tem necessariamente nenhuma “certeza revolucionária” a propor. Pelo contrário, é um filme obscuro e que obscurece.

Entre tudo o que há para notar começemos por referir o espantoso plano de abertura. Não é uma espada, é um canhão (talvez dê no mesmo, sabe-se lá), e está apontado a um porta-aviões fundeado no Tejo. Se o “falo” é uma figura recorrente no cinema de César Monteiro (e foi até ao fim: **Vai e Vem**), este plano – para mais, duma “subjectiva” perversidade, dado o enquadramento – é um das suas expressões mais poderosas. Mas o registo “fálico” não se detém aí: aproximamo-nos do porta-aviões (e de outros barcos de guerra) em belos planos de movimento lento que lhe admiram as formas (é dos livros e dos filmes, Hawks por exemplo: a beleza das máquinas de guerra como “fetiche”), e são novamente os canhões, e depois os próprios barcos, que se assumem como “falos” (em delírio, diríamos até que **Nosferatu** é um “corpo-falo”, mas paramos antes disso). A associação é mais ou menos clara? É: a equivalência entre o poder militar e político e o poder sexual, outra coisa que vem nos livros. Mas essa equivalência aqui é apenas parte de outra associação: a que nos leva dos barcos aos marinheiros, e depois dos marinheiros ao Cais do Sodré, e depois do Cais do Sodré à longa cena com a prostituta. Este sucessivo deslizar através de “raccords”

mentais faz um terrível sentido – e “terrível” porque, por assim dizer, “supra-revolucionário”, um pouco, ou bastante, para além do contexto histórico.

Mais obscura, certamente, é a rima Nato/Nosferatu. Elaboração sofisticada de uma metáfora política primária (a Nato e os americanos, o “mal”)? Em parte, talvez, os tempos eram propícios. Mas é mais: os longos excertos do filme de Murnau reportam-se às cenas da chegada do barco, ou seja, a doença a espalhar-se. E há uma rima muito directa dentro do filme (sim, num plano lá mais para o fim vislumbra-se Nosferatu a vaguear à beira-Tejo). O nível de incomodidade, de perturbação, funciona muito para além da ressonância política, descola-o da simples militância (e perguntemos: onde está Nosferatu naquele longo plano dos manifestantes? Por que é que esse plano nos parece exprimir uma distância e conter alguma coisa de, passe a palavra, “fantasmático”?). Como o descolam os planos do castelo de S. Jorge com um D.Afonso Henriques (?) de traços femininos: que farei eu com esta espada?, mas que farei eu com esta história, ou que farei eu com este país. “O herói a si assiste / vário e inconsciente”, como diz o poema de Pessoa onde João César Monteiro encontrou o título para este filme.

Depois, impressionam alguns pequenos pormenores que parecem quase anódinos – mas que vistos agora dir-se-ia anteciparem coisas do cinema posterior de João César Monteiro. Nosferatu, obviamente – os planos que César (quase) repetiria nas **Recordações da Casa Amarela**, tal como os travellings pela beira-rio; mas também, ainda do filme de Murnau, o plano da cela (como na cela de **As Bodas de Deus?**); e, coincidência extraordinária, a prostituta a contar um episódio com... gelados, como se fosse já de João de Deus que estava a falar.

Luís Miguel Oliveira